

**UNIVERSIDADE BRASIL
CURSO DE PSICOLOGIA**

CAMILA FIGUEIREDO DE OLIVEIRA

**BRINCAR E CRIAR: UMA LEITURA A PARTIR DA
PSICANÁLISE INFANTIL**

SÃO PAULO
2019

**BRINCAR E CRIAR: UMA LEITURA A PARTIR DA
PSICANÁLISE INFANTIL**

Camila Figueiredo de Oliveira
Curso de Graduação em Psicologia
Orientador: Ms. Fábio Pinheiro Santos

Trabalho de Conclusão de Curso de
Graduação apresentado à Universidade
Brasil, como parte dos requisitos
necessários para obtenção do título de
Bacharel em Psicologia.

SÃO PAULO
2019

RESUMO

Esse trabalho teve como objetivo demonstrar a importância do brincar e da criatividade como elementos fundamentais na formação do eu. Para isso foram apresentados alguns conceitos das obras de Donald Winnicott e Melanie Klein, além de analisar como outros autores entendem este tema e de que forma podemos auxiliar crianças e adultos na busca de si mesmo através do brincar em psicoterapia. A brincadeira na infância tem importância por se tratar do interjogo entre a realidade psíquica e a experiência de controle de objetos. Brincar é algo natural, universal e próprio da saúde, que propicia e facilita o crescimento e amadurecimento. Através desta pesquisa foi possível analisar como os teóricos entendem o tema e quais são os métodos utilizados na clínica com crianças.

Palavras-chave: brincar, criatividade, psicoterapia infantil.

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa teve como objetivo demonstrar a importância do brincar e da criatividade como elementos fundamentais na formação do eu. Para isso foram apresentados alguns conceitos das obras de Donald Winnicott e Melanie Klein, em uma reflexão teórica de como estes autores entendem a criatividade e o brincar na infância e posteriormente na vida adulta. Além de apresentar estes conceitos, busca-se através deste trabalho mostrar como outros autores tratam deste tema e de que forma podemos auxiliar crianças e adultos na busca de si mesmo através do brincar em psicoterapia.

Este tema foi escolhido devido a sua relevância atual, pois é possível constatar que é cada vez mais raro os adultos estarem presentes e disponíveis às crianças durante o brincar, incentivando-as a serem criativas e promovendo um ambiente facilitador para que elas possam expressar livremente seus sentimentos, fantasias, conflitos e, através dessa expressão, elaborá-los alcançando a resolução destes conflitos e o seu eu (self) verdadeiro.

Conforme postulado por Winnicott (1975) a criatividade é algo primário e inato que acontece logo nos primeiros contatos mãe-bebê, quando o bebê acredita que o mundo externo é uma criação sua. Ao longo do desenvolvimento, a criatividade é demonstrada no brincar, onde é no brincar que o indivíduo, sendo este criança ou adulto, pode ser criativo e descobrir a si mesmo. O desenvolvimento criativo e sua expressão são elementos que dão sentido à vida, é a forma como o indivíduo se relaciona com o mundo e dá sentido a ele. A busca pelo amadurecimento é inata quando um indivíduo é saudável e teve um bom desenvolvimento de sua criatividade na infância, o que possibilita que este alcance suas potencialidades criativas na vida adulta. Ao tornar-se adulto, a criatividade pode ser demonstrada nas artes, cultura, religião e ainda assim, no brincar.

O brincar, segundo Winnicott (1975) é algo natural e universal, inerente a saúde, facilita o crescimento, conduzindo aos relacionamentos grupais, a comunicação com si mesmo e com os outros. Além disso, o brincar pode ser visto como a forma de comunicação entre o terapeuta e a criança em psicoterapia, sendo uma maneira

menos direta de falar sobre aquilo que não compreende ou não é possível expressar em palavras, ou sobre aquilo que esta sendo vivenciado na realidade interna e externada criança.

Para Oaklander (1980), o trabalho psicoterápico com crianças é algo fluido e delicado, onde ocorre uma fusão daquilo em que se passa dentro do terapeuta com aquilo que se passa dentro da criança. A autora afirma que o simples ato de desenhar, por exemplo, sem necessariamente ocorrer intervenção por parte do terapeuta já é uma poderosa expressão de si, de seus sentimentos e auxilia no estabelecimento da auto-identidade.

1.1 A PSICANÁLISE COM CRIANÇAS

A psicanálise, criada por Sigmund Freud (1856-1939) tem como princípio a investigação do inconsciente de um sujeito através da associação livre. O autor se interessou pela sexualidade infantil e constatou que a infância e fatos passados tinham grande relevância no presente de seus pacientes. Com a associação livre era possível observar a efetivação de que os pacientes continuavam através de um curso livre a falar e a recordar os traumas infantis. O método também proporcionou uma valorização da relação entre paciente e terapeuta, que foi denominada como transferência. Freud postulou que a transferência tem sua base na infância e o paciente apenas transferia para o terapeuta as suas primeiras relações de objeto. O papel da psicanálise, portanto, se constitui através de interpretações dos materiais trazidos pelo paciente que manifestam o inconsciente e que permitem não apenas conferir a linguagem existente, mas que trazem elementos que ajudem o analista a decifrar essa linguagem.

A psicanálise com crianças foi abordada por Freud (1909) inicialmente com o caso do “Pequeno Hans”, que trata da análise de uma criança de cinco anos que apresentava fobia. A teoria Freudiana da sexualidade infantil até então só havia sido aplicada em adultos. Com o método da cura de uma neurose infantil foi possível comprovar os seus postulados sobre o complexo de Édipo partindo da

observação:

No começo, minhas declarações sobre a sexualidade infantil basearam-se quase exclusivamente nos achados, da análise de adultos, que remontavam o passado. Não tive nenhuma oportunidade de fazer observações diretas em crianças. Foi, portanto, uma grande vitória quando, anos depois, tornou-se possível confirmar quase todas as minhas deduções através da observação direta e da análise de crianças muito pequenas. Quanto mais se levasse adiante as observações em crianças, mais evidentes os fatos se tornavam; porém o mais surpreendente de tudo era constatar que tivesse havido tanta preocupação em menospreza-las. (FREUD, 1914, p.28)

Posteriormente ao caso do Pequeno Hans, Ana Freud e Melanie Klein foram pioneiras na psicanálise com crianças. Não se afastavam dos postulados de Freud, porém haviam diferenças teóricas em relação a formação do ego, relações objetais e na prática em si. Anna Freud (1926) propunha uma análise baseada na noção de um aparelho psíquico em constituição e no que tange a prática clínica a mesma se utiliza da interpretação de sonhos e de desenhos fazendo restrições do uso de jogos e brincadeiras. Para a autora os sonhos infantis são mais fáceis de analisar em comparação com os sonhos dos adultos. A criança expressa de um modo direto a execução de desejos e o jogo é utilizado apenas como complemento a análise de sonhos ou desenhos. Ana Freud utilizava dos recursos lúdicos para atrair a criança ao processo de análise, porém pouco se utilizava do brincar em si.

Melanie Klein (1932) postulava um psiquismo constituído desde os primórdios, privilegiando a atividade fantasiosa da criança. Uma de suas principais contribuições são os conceitos de posição esquizoparanóide e posição depressiva. Estes são períodos normais do desenvolvimento que ocorrem na vida de todas as crianças, tais como as fases do desenvolvimento psicosexual criadas por Freud. Para Klein o bebê nasce na posição esquizoparanóide, cujas principais características são: a fragmentação do ego e a divisão do objeto externo, o seio da mãe, já que este é o primeiro órgão com o qual a criança estabelece contato, em seio bom e seio mau. A autora utiliza do método lúdico, tendo em vista que para

ela as crianças expressam conteúdos empíricos através do brincar. Esta é uma representação primária, uma ação que é imprescindível à expressão da criança. Logo, para a autora não há como realizar uma análise de criança, exclusivamente, por meio de sua fala.

Posteriormente às pioneiras na clínica psicanalítica com crianças, Donald Woods Winnicott (1951) desenvolveu sua teoria com base nas relações entre a criança e o ambiente, enfatizando a influência do ambiente no desenvolvimento psíquico do ser humano. Todo ser humano, de acordo com Winnicott, tem um potencial para o desenvolvimento e, para tornar esse potencial como algo real, o ambiente se faz necessário. Para se chegar ao desenvolvimento completo, a criança passa por fases de dependência rumo à independência, até chegar na fase adulta e o seu self ser constituído. Em terapia, tanto com crianças como com adultos, o trabalho é realizado com um redimensionamento de maturação da primeira infância, ocorrendo uma relação de dependência com o terapeuta, rumo a independência, através da sustentação psíquica, denominada pelo autor como “holding”, através do brincar e da criatividade, e se dá mediante duas áreas do brincar: a do terapeuta e do paciente.

A proposta da psicanálise sempre foi a escuta do sujeito inconsciente, aquele que busca, deseja, insiste e este não tem idade, pois, é importante salientar que embora a criança tenha limitações em seu discurso no que diz respeito à capacidade de expressar-se através da linguagem, ela é capaz sim de fazer associações livres por meio do brincar.

1.2. BRINCAR E CRIAR

Baseado nos conceitos psicanalíticos, Winnicott - em seu artigo: “Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais” (1951), nos trouxe o conceito de “criatividade primária” como sendo algo originário do indivíduo e que nasce da relação mãe-bebê, quando a mãe possui a capacidade de efetuar adaptações às necessidades do bebê proporcionando a ele a oportunidade para a ilusão. O bebê acredita que o seio da mãe é criação sua e está sob seu controle, pois a mãe

coloca o seio real no exato local e momento onde ele está pronto para criá-lo.

Segundo Winnicott (1951), essa relação mãe-bebê é chamada de “suficientemente boa” quando ocorre de forma satisfatória e é nesta relação que o bebê compreende que existe um mundo externo que corresponde a sua capacidade de criar. Aos poucos a mãe vai desiludindo o bebê e fazendo com que ele descubra que o mundo existe antes e apesar de suas necessidades. Entre a criatividade primária e a percepção da realidade externa surge o espaço potencial e é neste espaço potencial que o brincar, as atividades artísticas, a religião e cultura são manifestas, sendo através destas manifestações criativas que o indivíduo percebe que a vida é algo que tem sentido e merece ser vivida.

De forma análoga ao conceito de criatividade exposto por Winnicott, Klein (1959) em seu artigo: “Nosso Mundo Adulto e suas Raízes na Infância”, dá o nome de fantasias inconscientes à atividade da mente que ocorre, por exemplo, quando um bebê está faminto e alucina a satisfação de lhe ser dado o seio, assim como o gosto do leite e a situação de ser segurado pela mãe. Para Klein (1946), o bebê acredita que existe um objeto (o seio) e que este é dividido em um seio bom e um mau. Para lidar com essa cisão de objeto, o bebê cria fantasias de que engoliu o seio bom que lhe dá amor e alimento e realiza ataques sádico-orais ao seio mal na intenção de destruí-lo. Ao longo do desenvolvimento o seio não é mais visto como dois objetos em separado e isso caracteriza o amadurecimento do bebê, mas as fantasias se ampliam e acompanham o indivíduo por toda a vida, desempenhando papel importante na vida mental.

Sendo a criatividade algo inato, inerente à saúde e importante para a constituição e amadurecimento do indivíduo é no brincar que crianças e adultos podem manifestá-la. Winnicott (1975) nos apresenta que o brincar se localiza no espaço potencial e é algo natural, universal e próprio da saúde, que propicia e facilita o crescimento e amadurecimento, conduz aos relacionamentos grupais e por fim é uma forma de comunicação em psicoterapia:

O natural é o brincar, e o fenômeno altamente aperfeiçoado do século XX é a psicanálise. Para o analista, não deixa de ser valioso que lhe recorde constantemente não apenas aquilo que é devido à Freud, mas também o que devemos à coisa natural e universal que se chama brincar. (WINNICOTT, 1975, p.63)

A brincadeira na infância tem importância por se tratar do interjogo entre a realidade psíquica e a experiência de controle de objetos, ou seja, é algo mágico para a criança, que cria algo em sua mente e o realiza através do brincar.

Klein (1955) nos apresenta que observando o brincar é possível interpretar as fantasias da criança, os sentimentos, ansiedades e experiências expressas e, caso o brincar esteja inibido é possível identificar a causa da inibição. No ato de brincar a criança traz repetições de detalhes reais da vida cotidiana, misturadas com suas fantasias:

Qualquer atividade, tal como usar o papel para rabiscar ou recortar, e cada detalhe do comportamento, tais como mudanças na postura ou na expressão facial, podem dar pistas do que está se passando na mente da criança [...] (KLEIN, 1991, p.159)

O brincar é algo essencial, onde a criatividade se manifesta, os sentimentos e fantasias são expressos e é por meio dele que se busca o eu (self). (Winnicott, 1975). A constituição do eu se dá quando se permite brincar, criar e ser autêntico, pois, somente no espaço potencial do brincar é possível manifestar todas as partes do eu livremente, de forma não intencional, visto que o fazer criativo intencional não leva ao alcance do eu autêntico.

1.3. O BRINCAR EM PSICOTERAPIA

Diferente da psicoterapia com adultos que é pautada no diálogo entre terapeuta e paciente, a psicoterapia com crianças se dá através do brincar, pois, conforme já mencionado, no brincar a criança se expressa, manifesta seus medos, fantasias e realiza um treino para a realidade. É uma intervenção que tem por objetivo atender a questões diversas que podem causar estresse emocional, interferir no dia-dia, dificultar o desenvolvimento adaptativo, social e o bem-estar da criança. Muitos são os motivos que levam os pais a procurar atendimento psicoterápico para seus filhos e muitos são os métodos utilizados pelos psicoterapeutas.

Melanie Klein (1955) propôs a utilização de brinquedos simples e pequenos

na psicanálise com crianças, porque seu número e variedade permite que a criança expresse de forma ampla suas fantasias e experiências. A simplicidade dos brinquedos possibilita que a criança os utilize em diversas situações e de diferentes maneiras. A autora ressalta ainda que, muitas vezes a criança além de brincar desenha, pinta, conta histórias e brinca com jogos, atribuindo papéis a ela e ao analista. Propôs também uma caixa ou gaveta com brinquedos individuais para cada criança, que devem ficar trancadas, pois segundo ela, a criança sabe que seus brinquedos e o seu brincar são apenas conhecidos pelo analista. A característica principal da técnica de Klein é a interpretação da fala e do brincar para a própria criança, com o intuito de diminuir o grau de fixação à fantasia inconsciente e aos objetos associados a ela, semelhante à interpretação feita por Freud na técnica de associação livre com adultos.

Winnicott (1975), porém, vê o brincar em psicoterapia como um espaço potencial, onde a criança pode descobrir e ser quem realmente é, expressando sua criatividade. Para ele o brincar por si só é terapêutico, não pelos elementos simbólicos que expressa ou veicula, mas pelo ato propriamente dito. Brincar para o autor é sinônimo de saúde e o principalmente objetivo do terapeuta é criar condições ambientais que levem o paciente a brincar, caso este não consiga, seja ele criança ou não. O brincar é uma experiência criativa, no espaço-tempo, uma forma básica de viver, uma continuidade de ser:

A psicoterapia se efetua na sobreposição de duas áreas do brincar, a do paciente e a do terapeuta. A psicoterapia trata de duas pessoas que brincam juntas. Em consequência, onde o brincar não é possível, o trabalho efetuado pelo terapeuta é dirigido então no sentido de trazer o paciente de um estado em que não é capaz de brincar para um estado em que o é (Winnicott, 1975,p. 59).

O brincar é então um encontro de si mesmo, a comunicação e a fusão entre a realidade interna e a percebida. É a experiência que favorece o amadurecimento, levando a uma integração do self. Em psicoterapia, o conjunto de acontecimentos vividos permite que o paciente veja a vida como algo pelo qual vale a pena viver, já que esse encontro se dá na área em que ele cria o mundo que vive, ao mesmo tempo em que se adapta ao mundo objetivamente dado, sem perder a sua espontaneidade.

Cabe mencionar que existem outros autores para além da psicanálise que também se dedicaram à temática do brincar na psicoterapia com crianças, utilizando o brincar como um método e direcionando os psicoterapeutas de crianças de outras abordagens na atualidade. Dentre eles podemos destacar Virginia Mae Axline e Violet Oaklander. Axline em seu livro “Ludoterapia” (1947), fundamentado pela teoria de Carl Rogers, descreve o indivíduo como alguém capaz de resolver seus problemas satisfatoriamente com um impulso para o crescimento. A Ludoterapia proposta pela autora é descrita como uma oportunidade oferecida a criança de crescer com melhores condições, ser quem realmente é, aprender a se conhecer e traçar seu próprio curso abertamente. Na sala de Ludoterapia a criança está no comando, ninguém lhe diz o que fazer, nem a critica ou faz sugestões, pois nela a criança é totalmente aceita e respeitada da forma que é. No método de Axline, o brincar é totalmente livre e dirigido somente pela criança que escolhe o que quer utilizar e o terapeuta está ali presente, em alerta, com sensibilidade para aceitar a criança e o seu brincar livremente, além de demonstrar compreensão e interesse genuíno pelo que a criança diz ou faz.

A obra de Violet Oaklander (1980) é também uma referência em Gestalt-Terapia com crianças, pois descreve métodos e técnicas que tem por objetivo auxiliar a criança à tomar consciência de si, da sua existência e do mundo, além de propiciar a expressão dos sentimentos e desenvolvimento da autoidentidade. A Gestalt-Terapia valoriza o contato com o meio e com as pessoas, através do olhar, falar, ouvir, tocar, cheirar, mover-se, que são as funções de contato. (Polster e Polster, 2001, p. 139 a 179)

É papel do terapeuta auxiliar a criança na construção do eu através do método da descrição fenomenológica, onde o “terapeuta descreve o que a criança faz, para que esta construa de forma gradual o significado do material que traz para a terapia, sem a interferência de qualquer ‘a priori’ do terapeuta, seja ele de caráter teórico ou oriundo de seus próprios valores” e assim desenvolva melhor suas funções de contato e senso do eu. Para atingir uma maior consciência de si na criança, o Gestalt- terapeuta utiliza técnicas de desenho, fantasia, argila, pintura a dedo, gravar e ouvir história, tocar instrumentos, pois, ao experienciar seus sentidos, seus sentimentos e o seu corpo a criança recupera uma postura sadia frente à vida, sentindo-se mais forte dentro de si mesma. (Aguilar, 2015, p. 150)

Existem muitos outros autores que se dedicam até hoje a temática do brincar, porém não são objeto deste estudo.

2. DISCUSSÃO

A partir da psicanálise, inspirada pelo caso do “Pequeno Hans” e pela teoria da sexualidade infantil de Freud alguns teóricos dedicaram seus estudos às crianças, identificando que o brincar é a forma de comunicação delas e que através dele era possível compreender melhor a infância, os sentimentos infantis e as experiências vividas por cada criança.

Da leitura de Winnicott pode-se compreender que a criatividade é algo que nasce conosco, junto com a tendência ao amadurecimento que são fortalecidas pela relação mãe-bebê. A criatividade então pode ser expressa no brincar e mais adiante nas manifestações artísticas, religiosas e culturais. Sendo, portanto, algo imprescindível para que o adulto sinta que a vida vale a pena ser vivida, pois uma vida sem criatividade é algo monótono e vazio.

De mesmo modo, Klein descreve as fantasias inconscientes como algo que surge da relação do bebê com o seu objeto de amor (seio materno) e ao longo do desenvolvimento do bebê as fantasias se ampliam, acompanhando o indivíduo durante toda a vida. Essas fantasias nada mais são do que a imaginação manifesta da criança em relação ao objeto.

Quanto ao brincar, a partir da leitura dos dois autores foi possível compreender que é através dele que as fantasias, os sentimentos e as experiências da criança são expressas, ou seja, observando o brincar se conhece o mundo da criança e aquela que não brinca tem uma inibição que precisa ser identificada para que esta viva de forma mais saudável, pois o brincar é algo natural e universal, próprio da saúde.

Face ao observado, fica claro que a psicoterapia com crianças tem o objetivo de fazer com que estas brinquem livremente no espaço psicoterápico. Klein dá maior ênfase à observação do brincar e a interpretação deste, já Winnicott entende que o simples brincar já é por si só terapêutico e o objetivo do terapeuta é brincar

junto do paciente. Neste estudo se constatou que autores de outras abordagens também entendem o brincar como um método de conhecer a criança e auxilia-la na psicoterapia a descobrir quem ela é e a crescer com melhores condições.

3. CONCLUSÃO

Diante do contexto atual, em que as crianças não brincam mais ou não tem espaço para criar a partir do tédio meios de brincar e se expressar, fica claro que compreender a importância de brincar e criar possibilita que pais e também psicoterapeutas tenham ferramentas para estimular as crianças nesta jornada rumo ao desenvolvimento saudável a partir de um ambiente facilitador, seguro e de confiança.

Através desta pesquisa foi possível analisar como os teóricos entendem o tema e quais são os métodos utilizados na clínica com crianças, pois apesar de muitos serem os motivos que levam os pais a procurar atendimento psicoterápico para seus filhos, é através de um ambiente potencial e facilitador que eles podem se desenvolver e resolver suas próprias questões, levando-se em conta que quando uma criança precisa expressar seus medos, ansiedades e fantasias ela não pede para conversar, ela pede que brinquem com ela.

Por fim, espera-se que este trabalho possa fornecer conhecimento sobre o tema e inspirar outros pesquisadores a desenvolver novas ideias e teorias no intuito maior de promover a saúde de crianças e adultos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, L. **Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática**. São Paulo, Summus, 2015.
- AXLINE, Virginia M. **Ludoterapia: A Dinâmica Interior da Criança**. Belo Horizonte: Interlivros, 1984.
- FREUD, A. **O tratamento psicanalítico de crianças**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- FREUD, S.. **Análise de uma fobia em um menino de cinco anos (1909)**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Imago, Rio de Janeiro, 1996, v.XII.
- FREUD, S.. **A história do movimento psicanalítico (1914)**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Imago, Rio de Janeiro, 1996, v.XII.
- KLEIN, Melanie. **Psicanálise da Criança**. 2 a ed., São Paulo: Ed Mestre Jou, 1975.
- KLEIN, Melanie. Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. *In: Inveja e Gratidão e outros trabalhos* (1946-1963). Rio de Janeiro: Imago, 1991. p.20-43.
- KLEIN, Melanie. A técnica psicanalítica através do brincar: sua história e significado. *In: Inveja e Gratidão e outros trabalhos* (1946-1963). Rio de Janeiro: Imago, 1991. p.150-168.
- KLEIN, Melanie. Nosso mundo adulto e suas raízes na infância. In: **Inveja e Gratidão e outros trabalhos** (1946-1963). Rio de Janeiro: Imago, 1991. p.281-297.
- OAKLANDER, Violet. **Descobrendo crianças: uma abordagem gestáltica com crianças e adolescentes**. São Paulo: Summus, 1980.
- POLSTER, Erving e Miriam. **Gestalt-terapia integrada**. São Paulo: Summus, 2001.

WINNICOTT, Donald W. Objetos transicionais e fenômenos transicionais. *In: O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 13-44.

WINNICOTT, Donald W. O brincar: uma exposição teórica. *In: O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 59-77.

WINNICOTT, Donald W. O brincar: a atividade criativa e a busca do eu (self). *In: O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 79-93.